

Aurora

no Espectro das Cores



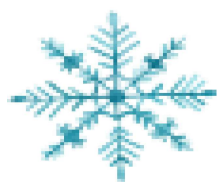
Becca Barroso Lima

Escrita por uma mente que aprendeu a ver o mundo em todas as cores

Aurora

No Espectro das Cores

Becca Barroso



Fortaleza

2026

Sumário

Parte I - A Jornada	
Onde Nasce a Luz	7
De Glacivita até a Casa das Estações	10
O desafio da primeira pata	17
Depois da Primeira Pata	22
Nota da Narradora	25
Parte II - Ébano, nas Raízes do Outono que Escuta	26
Entre Fungos e Folhas:	28
Onde Outono Escuta	28
Os Ventos que Chamam pelo Nome	31
Lufaardor: Onde as Folhas Guardam Nomes	33
Parte II - Sálvia, no Coração da Primavera que Sente	
Sálvia, no Coração da Primavera que Sente I	46
Sálvia, no Coração da Primavera que Sente II	52
O Desafio das Ondas	56
A Travessia e o Jardim da Primavera	58
O Retorno à Casa das Estações	61
Parte II - Solon, no Fogo do Verão que Desperta	
Entre Grãos e Raios: Onde Verão Corre	65
Parte III - O Desafio dos Corações Estelares	77
Nota da Narradora	78
O Desafio dos Corações Estelares	78
O Último Ciclo de Luz	79
A Ponte e as Quatro passagens	87
Aurora em Flamaré: O Chão que Não Cede na Tempestade	90

Ébano em BrisaTerra: O Silêncio que Escuta o Vento	95
Sálvia em Lufardor:O Olhar que Escuta o Tempo	99
Solon em Glacivita: O Fogo que Aprende a Tatear	102
O Retorno das Quatro Estrelas	105
O Despertar de Diurnus	107
Epílogo - O Retorno da Matilha	111
Anexos	
Sobre os Filhotes	113
Mapa Descritivo do Continente Prisma	119
Estrutura Geográfica e Posição	119
Travessias e Conexões Mágicas	120
Guardiões Regionais	121
Regiões e Paisagens	122

Parte I A Jornada





Onde Nasce a Luz

Glacivita – A Terra dos Ventos Silenciosos

Dizem que certos corações não nascem prontos — se formam aos poucos, como flocos de neve que se cristalizam com o tempo até virar gelo puro.

Foi assim comigo.

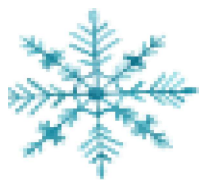
Nasci em Glacivita, onde o vento caminha devagar e o tempo escorre como neve derretida entre as patas. Um lugar branco, silencioso e cheio de segredos. Ali, as montanhas respiram lentamente, e as nuvens parecem repousar sobre o mundo — como cobertas bordadas por estrelas.

Fomos quatro: quatro filhotes envoltos em silêncio e luz, quatro centelhas de vida saídas do ventre de nossa mãe no meio do inverno, quando tudo parece quieto, mas tudo está prestes a começar.

Meu nome é Aurora, mas não fui a primeira a nascer. A primeira foi Alba. Ela chegou como um raio de sol inesperado: tropeçando, rodopiando, cheia de energia, com o rabo se mexendo antes mesmo de aprender a andar. Os outros diziam que ela era feita de riso. E era mesmo. Mal abrimos os olhos, e ela já tentava ensinar a saltar.

Depois veio Nevasca. Ela era calma, silenciosa, doce. Tinha o olhar profundo e a respiração serena. Gostava de se deitar nas pedras frias e ouvir o som das árvores, como se compreendesse línguas antigas. Nevasca nunca teve pressa. Ela apenas... era.





O terceiro foi Alvorada, nosso irmão. Veio ao mundo com um bocejo longo e preguiçoso, como quem está apenas visitando o tempo. Dormia mais do que vivia, mas sonhava com tanta força que parecia estar em dois lugares ao mesmo tempo. E quando falava, o que era raro — as palavras vinham cheias de sabedoria.

E então, veio o meu momento. Eu... simplesmente cheguei, não uivei, não corri, apenas abri os olhos. Tudo parecia tão grande, tão novo, tão antigo. Enquanto os outros pulavam, cheiravam e exploravam o nosso pequeno mundo, eu apenas ouvia. Ouvir era a minha maneira de tocar, de sentir.

As batidas do coração da mãe, o cheiro calmante do pai, o pelo fofo de meus irmãos, o som do vento contra a neve, o eco suave da água derretendo. Eu sentia tudo como parte de mim.

Nossa ninhada nasceu especial — todos sabiam. Cada um de nós tinha um destino e eu também sabia, não era uma diferença triste, era como se eu car-regasse dentro de mim um chamado. Um brilho que ainda não tinha forma, mas já sabia o caminho.

Em nosso refúgio, às vezes nasciam ninhadas especiais — destinadas a cumprir missões em outros lugares de *Prisma*. Outras, nasciam, cresciam e viviam toda a vida ali, cuidando do nosso lar, protegendo os indefesos, jovens e velhos. Apenas vivendo... com a beleza das geleiras cristalinas e da neve fofa. A vida era bonita ali: dormíamos juntos, sonhávamos juntos — o mundo era branco e suave, azul celeste e silencioso, cobalto profundo e selvagem — e cheio de significados.

Até que um dia, o vento mudou. Soprava diferente, mais fundo, mais doce. Como se o ar estivesse nos chamando por um nome que eu ainda não conhecia. Naquela mesma tarde, todos partimos.

Alba seguiu para o leste, onde há dança e barulho... e campos florido. Ela se despediu da nossa mãe com aquela alegria de quem pula num lago de água fresca — agitada, inquieta, cheia de energia. Os olhos brilhavam com uma curiosidade que parecia não acabar nunca, e as patas... já iam, já queriam ir, com uma determinação contagiante. Ela foi... para um vilarejo movimentado em Glacivita, onde a vida precisava de alguém que lembrasse a todos que até no frio... existe calor.

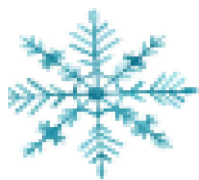
Nevasca seguiu para o oeste, quase nos limites de Glacivita. Lá tem uma floresta densa... mágica... daquelas que parecem guardar segredos. Como eu já disse, Nevasca nasceu calma, tranquila como o cair lento dos flocos de neve numa manhã de inverno e, por gostar de observar o mundo com doçura — e de se mover como se ouvisse os sonhos — ela encontrou o seu lugar entre árvores antigas e cristais reluzentes, onde a sua presença trazia conforto... e segurança.

Alvorada seguiu para o extremo norte — para acompanhar um velho cão rabugento que observava as mudanças sutis do gelo e conhecia os segredos antigos escondidos sob a neve.

E aí... chegou a minha vez. Não foi o céu que mudou primeiro — fui eu, algo despertou dentro de mim... um sopro leve... que crescia em silêncio... chamando meu coração. Senti um frio diferente, não de medo... mas de começo. Como se o mundo estivesse se abrindo diante das minhas patas — cheio de caminhos que eu ainda não conhecia e que, mesmo assim... eu queria descobrir. Uma luz atravessou o ar e tocou meu pelo com delicadeza, como se dissesse meu nome... Aurora... Aurora... Aurora...

E eu entendi, entendi que aquilo era o começo. Com o coração batendo forte, forte mesmo e cheio de curiosidade... eu fui. Fui para o sul: o lugar de onde os ventos nascem.





O Chamado do Vento

De Glacivita até a Casa das Estações

A neve cede sob minhas patas pequenas, mas o frio não me assusta. Sinto o coração quente, pulsando com uma certeza que ainda não compreendo.

Assim que meus irmãos partiram em suas próprias jornadas, meus pais me acompanharam. Era como se algo me guiasse por dentro... não uma voz, não exatamente — mas uma presença, um chamado quieto, que eu sentia mais do que ouvia.

Meu pai caminha ao meu lado. Ele é forte, silencioso, com um coração firme — daqueles que a gente confia sem precisar perguntar — e com uma ternura que vive ali, quieta, constante. Seu pelo acinzentado lembra um lago congelado da nossa terra, com manchas mais escuras, em tons de grafite, que lembram as pedras firmes que formam o nosso refúgio.

Seus olhos, de um ciano profundo com reflexos azul-acinzentados, têm um brilho antigo — como se já tivessem visto muitas luas... e ainda quisessem ver muitas mais.

Às vezes, ele me olha com um sorriso tranquilo, outras, apenas deixa que o silêncio entre nós diga tudo e, atrás de nós, com passos suaves, vem minha mãe.

Hahhhh... minha doce mãe... Ela é como uma neve calma — bela, serena. Seu pelo é alvo, muito, muito claro, quase brilhando com um tom de azul-neve, com reflexos que lembram o gelo sob o luar. Seus olhos, entre safira e tempestade, são os únicos capazes de acalmar o coração do meu pai.

Antes de partirmos, ela me aconchegou forte.

— Leve meu amor em cada fio do seu pelo, pequena estrela. Onde quer que você vá, ele te seguirá como o vento segue o canto da floresta.

Naquela despedida, não houve lágrimas — apenas um silêncio profundo, cheio de tudo que não cabia em palavras.

— Quando você sentir o vento te empurrando para frente, Aurora... não lute — disse meu pai. — Apenas vá.

— E se eu tiver medo? — perguntei, com a voz trêmula.

— Então vá com medo mesmo. Porque é assim que se reconhece o coração dos corajosos.

— E se eu sentir saudade?

— Isso é sinal de que você teve um lar bom o suficiente para se lembrar.

Segurei a ponta da cauda do meu pai com meus dentinhos e continuei a andar.

— E meus irmãos? Vão sentir minha falta?

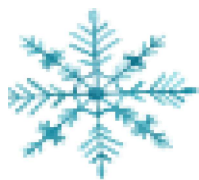
— Vão. Mas também vão se orgulhar. Cada filhote parte um dia — e é assim que construímos as histórias que depois contamos ao redor do fogo.

— E se...

— Não se preocupe — disse minha mãe, com suavidade. — Estaremos sempre no seu coração. E um dia, nos encontraremos novamente.

Então seguimos por campos cobertos de cristais de gelo azul-água, por riachos turquesa congelados que cintilam como espelhos partidos, por pedras azul-marinho que sussurram nomes antigos quando passamos.





Até que o céu mudou: primeiro, uma brisa, depois, uma dança nas nuvens.

E então... ele surgiu... Argentus...

Ele surgiu como se tivesse sido esculpido pelo próprio vento, um canídeo prateado, alado, feito de luz e brisa, com pelagem etérea que mudava de tom conforme o ângulo: às vezes prata fosco, às vezes cintilante como o luar sobre o gelo.

Suas asas eram vastas, translúcidas, como véus bordados com poeira estelar e seus olhos... eram como fendas de céu antigo, guardando galáxias inteiras de sabedoria e silêncio.

Eu ainda não sabia como isso funcionava, quantos eles eram ou de onde eles vinham, quer dizer, acho que não sei isso até hoje, mas argentos é um dos guardiões mitológicos que protegem Prisma. Dizem que eles nascem dos próprios elementos da nossa terra: do ar, do céu, das nuvens, das águas e do fogo. O que aprendi, depois de sair de casa, é que eles são inúmeros, tem sempre a forma de algum tipo de canídeo e podem ter uma forma mais ou menos sólida, podem ser alados ou não, geralmente estão em posições de destaque como mestres — guiando os jovens cães em suas jornadas de descoberta e aprendizado.

Argentos pousou suavemente diante de nós.

O vento ao seu redor parou — como se estivesse escutando.

Meu pai se aproximou e encostou o focinho no dele.

Não trocaram palavras, apenas um gesto que parecia dizer tudo. Então, ele olhou para mim.

— Siga com ele. O que você procura... está além das montanhas.

— E se eu não souber o caminho? — perguntei.

— O vento saberá.

Argentos abaixou-se, e com um movimento elegante de asas, me convidou a subir.

— Vem, pequena — disse ele com voz de brisa. — Há um continente esperando pelas cores do seu coração.

Minha mãe uivou com tristeza e com saudade, mas ela sabia que o meu caminho me levaria pra muito longe...

E assim partimos.

Durante os algum tempo, caminhei ao seu lado, tentando acompanhar suas passadas leves e largas.

Ele conhecia trilhas secretas.

Sabia o caminho pelas fragrâncias do ar, pelo som das pedras, pela memória das neblinas.

Mas quando minhas patas cansavam, ele me carregava. Acomodava-me entre suas asas, e então voávamos.

E eu sentia o mundo girar devagar lá embaixo, como se a própria Prisma se curvasse em boas-vindas.

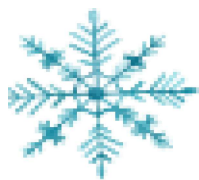
Cruzamos fendas azul-ardósia e penhascos índigo, sobrevoamos vales em silêncio.

O mundo abaixo parecia se abrir à sua passagem — galhos azul-anil se afastavam, as nuvens azul-claro se dissolviam, a neve azul-glacial se acalmava.

Passamos por riachos de águas azul-cobalto, por árvores azul-celeste que suspiravam histórias antigas, por bosques onde a música parecia crescer das raízes em tons de azul-safira.

Cada lugar guardava um fragmento do que eu seria, mesmo que eu ainda não soubesse. Enquanto viajávamos, eu pensava em meus irmãos, nos destinos deles, nas histórias que





contariam quando nos reencontrássemos, como estava sendo a jornada pra eles, se estavam com medo, se outros argentos existiam, e se tinham levado eles até os seus destinos, ou se o chamado era diferente pra cada um... Enquanto eu pensava nisso, argentos me disse:

Esse é Prisma: um continente dividido em quatro grandes territórios, cada um guiado pelas estações. Flamaré, a terra do fogo e do verão; Lufardor, onde o outono canta; Brisaterra, o reino da primavera; e Glacivita, de onde você veio, guardião do inverno.

— E para onde estamos indo? — perguntei, enroscada entre suas asas.

— Para o coração de tudo. Íris, onde fica Casa das Estações. O lugar onde os filhotes aprendem a escutar a si mesmos.

Voamos mais um pouco. E então, eu vi.

Lá embaixo, entre colinas e luz, surgiu uma construção que parecia feita de sonho: A Casa das Estações.

Era um lar moldado por pedras, flores, e raízes vivas, com troncos polidos entrelaçados como cães que se aconchegam juntos enroscados para dormir. As pétalas em suas copas se balançavam com o ritmo do vento.

Na entrada, duas árvores imponentes formavam um grande arco, e suas folhas mudavam de cor a cada sopro: verde de primavera, dourado de verão, âmbar de outono, branco de inverno.

Ali, a natureza estava viva e vibrante, mais vibrante do que qualquer coisa que eu já tivesse visto antes... E parecia de fato brilhar como um arco-íris.

— Você chegou, Aurora — disse Argentos. — Aqui começa a jornada entre quem você é... e quem você pode ser. O

caminho não será fácil, você encontrará desafios, mas também fará amigos e sairá daqui transformada.

Desci devagar de suas asas, com o coração latejando.

O chão sob minhas patas era feito de musgo quentinho e parecia brilhar como luz verde líquida.

Era uma cor que eu nunca tinha visto antes, e tive muita vontade de rolar por todo aquele gramado verde vibrante.

Dentro da Casa, vozes caninas em tons e ritmos diversos se entrelaçavam em brincadeiras, estudos e silêncios.

Filhotes de todos os cantos de Prisma: pelos rajados como o céu de outono, focinhos manchados como o sol em fim de tarde, olhos de orvalho, patas de relâmpago.

Cada um parecia carregar um pedaço da estação de onde viera.

Enquanto me guiavam até minha alcova, passei por salões que pareciam jardins encantados, corredores com luz de fogo suave, escadas geladas como trilhas da infância. Os nomes sussurrados pelas paredes me chamavam com urgência, tudo pulsando com ansiedade de descoberta... como se tudo ali soubesse o tempo certo de acontecer.

Minha alcova era pequena, aconchegante, feita de folhas entrelaçadas, cristais transparentes e pedrinhas azul-claro que cintilavam como promessas.

Ali, eu seria moldada não apenas pelo que via, mas pelo que sentia. Ali, eu aprenderia a ser guardiã.

Do mundo. Do silêncio. Dos sonhos.

E de mim mesma.

